

01.0001 - Entrevista Adenilde Petrina Bispo

Entrevistador: Hebe Mattos

Data: 20/06/2019

Duração: 01:40:36

Região: Zona da Mata

Local: Santa Cândida, Juiz de Fora, MG

Equipe técnica: Geraldo Homero do Couto Neto

Pesquisadores de apoio: Amanda Pimentel, Jéssica Mendes

Time Code		Áudio
in	out	

1:55	2:03	Hebe Mattos pergunta do período inicial da vida e da história da família da entrevistada, Adenilde Petrina.
2:03	2:23	Adenilde fala o nome de seu pai, Luis Bispo, e sua mãe, Lindalva Bispo dos Santos.
2:23	4:00	Conta a história da família de sua mãe, que morava em uma espécie de Quilombo chamado Morro das Pedras, em Cachoeira do Campo, o lugar era afastado da cidade e de difícil cultivo, por isso, seus parentes trabalhavam em casa de família em troca de mantimentos. Sua avó lhe contava que sua bisavó era descendente direta de índios Puris, e seu bisavô era ex escravo. Diz que a família era composta principalmente por mulheres, estas muito fortes e aguerridas.
4:00	10:20	Destaca sempre o exemplo da avó, Ana Josina dos Santos, mulher de

		<p>personalidade forte e muito sábia, que foi mãe solteira de três filhas, muito empenhada na criação de suas filhas e netos. Era parteira e benzedeira, querendo que a neta fosse também benzedeira. Adenilde conta que sua avó muitas vezes pedia esmolas em casas da cidade da região (Itabirito, Conselheiro Lafaiete, Ouro Preto), a levando diversas vezes.</p>
10:20	12:33	<p>Conta que a irmã da avó recebe uma doação de terras no Morro do Cruzeiro (ainda em Cachoeira do Campo), local onde irá passar boa parte da infância. É lá também onde seus pais se conhecem, o mesmo estando trabalhando em Itabirito na construção da estrada que liga Ouro Preto a Belo Horizonte. A partir daí começa a itinerância em sua vida, vivendo em Cachoeira do Campo até o fim da construção da estrada, seguindo para Patos de Minas, retornando a cidade natal, em seguida São João Del Rei e Barbacena, e finalmente Juiz de Fora na construção das estradas que ligam as cidades da Zona da Mata.</p>
12:33	18:24	<p>E, 1963 família vai morar na Fazenda Santa Luiza nos arredores do bairro Floresta, (Adenilde possuía então 12 anos de idade) junto aos outros trabalhadores da Companhia. Lá, teve ligação com os padres redentoristas do bairro, estes sendo os “responsáveis” pela educação religiosa e política</p>

		da população. O Seminário Santo Antônio, cujo reitor à época era o padre João Fagundes Hauck, era contrário ao Regime Militar, e realizava reuniões para informar as pessoas a situação do país. Adenilde conta que ao ser matriculada na escola Carolina Maria de Assis, começa ter contato com as pessoas do bairro, da fábrica, e com as irmãs do Sagrado Coração de Jesus.
18:24	21:10	Conta da única história que sabe sobre a família do pai (habitantes de cordisburgo MG), que este quando criança se machucara e fugira do hospital ao saber que teria a perna amputada. Anos mais tarde casa-se com a mãe de Adenilde (ele aos 32 e ela aos 27 anos).
21:10	21:55	Relembra história contadas por sua avó, das fazendas onde seus bisavós trabalharam.
21:55	24:10	Fica na fazenda dos 12 aos 18 anos, quando um enxame de abelhas destrói a casa e a família se muda para o El Dorado, com a aposentadoria do pai, vão para Santa Cândida. Ela fala também, do desejo das irmãs do Floresta de transformá-la em freira.
24:10	31:31	Conta mais da vida na fazenda, o trabalho da mãe na colheita de café, e do pai na construção da estrada. A itinerância termina com a instalação de uma sede da Companhia em Juiz de Fora, por volta da segunda metade dos anos 1960. Os operários da fábrica e os trabalhadores

		<p>da estrada moravam todos no bairro floresta e fazendas nos arredores (todos pertencentes à família Assis, inclusive a fábrica). Adenilde destaca seu apreço pela vida religiosa na época, e conta da criação da Escola Nossa Senhora Aparecida (pelos moradores e padres), onde a mesma cursou o ginásio.</p>
31:31	38:50	<p>Irmã Maria Rosa consegue uma vaga para ela no Ensino Médio do Colégio Santa Catarina, e para sua irmã (quarta série) onde irá trabalhar na limpeza após o término das aulas. Conta da boa relação com as colegas de classe, e do racismo de alguns professores, embora à época isso tivesse passado despercebido para ela. Fala do surgimento do "embrião" de sua militância ainda no ensino médio, com a presença no colégio dos padres franceses operários, da Ação Católica Operária (ver, julgar e agir). Frequentava as reuniões políticas promovidas por eles, onde participa da Juventude Operária Católica (JOC) em meados de 1969. E mais tarde, inicia sua militância no Bairro Santa Cândida).</p>
38:50	47:07	<p>Ingressa no curso de Filosofia na Universidade Federal de Juiz de Fora, em 1974 formando-se em 1979. Trabalhou no Colégio Santa Catarina como auxiliar de secretaria, pois na época pensava em ser freira do colégio. Relembra sua trajetória de vida e da crença Esotérica de seu pai. Destaca a importância da militância</p>

		católica no período da Ditadura.
47:07	49:20	Conta da luta da população de Santa Cândida durante a Ditadura, e como a democracia nunca chegou à periferia. Destacando a importância das comunidades eclesiais de base.
49:20	53:35	Adenilde narra algumas dificuldades para a realização da conquista de um espaço dedicado à fundação de uma igreja católica em Santa Cândida e fala sobre a importância desta luta para a região.
53:35	54:00	Menciona a carência que o local possuía em relação à presença de uma escola no bairro para que os moradores pudessem ter acesso mais viável e prático a educação; já que muitas vezes os jovens residentes de Santa Cândida ficavam sem vaga em outros colégios e eram privados de acompanhar o ano letivo; agregando à sua fala a menção às medidas tomadas para que a construção da escola fosse, de fato, efetuada.
54:00	56:00	Retoma ao assunto sobre o percurso até a conquista do território para a construção da igreja; que foi, de certa forma, impulsionada por uma colega de classe do curso de Filosofia, casada com um professor universitário, que através de um diálogo com o novo prefeito (Mello Reis) que havia sido eleito após o término da Ditadura Militar, acabou tornando possível o fornecimento do espaço por

		parte do então prefeito.
56:00	56:58	Fala um pouco sobre o período de tempo que foi gasto do início ao fim das construções da escola e da igreja.
56:58	57:20	Hebe Mattos pergunta a entrevistada, Adenilde, o que muda em sua vida após seu ingresso na Universidade Federal de Juiz de Fora.
57:20	1:00:22	Adenilde fala sobre algumas mudanças comportamentais que sofreu após conviver com muitos colegas de classe média na Universidade; mudanças essas que fizeram com que, na época, ela se achasse mais sabida que suas irmãs e demais familiares; como ela mesma narra, deixando de refletir a fundo sobre as dificuldades enfrentadas em casa; como a falta de alimentação básica e etc.
1:00:22	1:02:03	Fala sobre sua então percepção de que uma desigualdade fazia-se presente e seu entendimento de que deveria fazer algo por sua comunidade, Santa Cândida, carinhosamente chamada de "Candinha".
1:02:03	1:04:44	Hebe pergunta sobre o ingresso da entrevistada na luta pelo movimento negro e Adenilde narra seu ingresso ao fim da universidade, tendo influência de um grupo militante de estudos (GEABA) já conectado à luta; formado por acadêmicos e trabalhadores humildes. Foi quando Adenilde começou a perceber e refletir melhor

		sobre os casos de racismo e, no geral, preconceitos que já havia enfrentado durante sua vida.
1:04:44	1:05:42	A entrevistada fala sobre a fundação da Rádio Comunitária MEGA FM, em 1997, no bairro Santa Cândida; com a colaboração dos próprios habitantes da região, juntamente com o grêmio estudantil da escola Cândido Motta Filho. Apontando que a criação da rádio comunitária foi necessária para representar a cultura periférica, que até então era ignorada pela programação habitual das rádios vigentes.
1:05:42	1:10:13	A professora Hebe Mattos pergunta sobre o início e o decorrer da carreira de Adenilde como auxiliar de biblioteca na Igreja da Glória e como, também, professora. A entrevistada fala brevemente sobre as respectivas funções até sua retirada das mesmas; mencionando alguns exemplos de situações incômodas de racismo vivenciadas por ela mesma.
1:10:13	1:10:36	Dona Adenilde fala sobre o término do grupo GEABA e o início do Coletivo Vozes da Rua; que segue na luta pelo movimento negro periférico e pela representatividade das classes segregadas e marginalizadas pela sociedade.
1:10:36	1:11:43	Hebe pergunta sobre o concurso que a entrevistada prestou para lecionar antigamente e Adenilde

		confirma que, embora tenha cursado Filosofia, lecionou História; que era uma das disciplinas permitidas de acordo com seu currículo.
1:11:43	1:17:55	Hebe Mattos, retornando ao histórico da rádio comunitária, pergunta sobre como surgiu a ideia de criação da mesma e Adenilde Petrina explica o percurso e os objetivos da então MEGA FM. A rádio entrou no ar dia 19 de junho de 1997.
1:17:55	1:24:08	Petrina fala um pouco mais sobre o Vozes da Rua e sobre o marco inicial do Hip-Hop em Juiz de Fora, em 1982; que chegou através da popularização do Breaking, que é uma dança de rua, categorizada como um dos principais elementos da cultura Hip-Hop. Entre esses principais elementos: o rap, o DJing e também o graffiti. Adenilde fala também sobre a inclusão do Hip-Hop na rádio MEGA FM e sobre a construção da Posse Zumbi dos Palmares.
1:24:08	1:25:09	A entrevistada fala sobre o fechamento da rádio e a necessidade de, naquele momento, fazer com que as pessoas “da cidade” enxergassem a periferia com outros olhos; isto é, com uma visão menos preconceituosa e menos marginalizada. Objetivo este que impulsionou a criação do Coletivo Vozes da Rua.
1:25:09	1:27:11	Fala um pouco sobre o início das atividades realizadas pelo Coletivo e o intuito das mesmas. Pontuando também

		<p>sobre o Agosto Negro, que é uma atividade anualmente realizada pelo Vozes da Rua, nos meses de agosto, que tem como objetivo levar temas de discussão e conscientização nas escolas espalhadas pela cidade. Em seguida, menciona o Slam de Perifa, que é um evento realizado pelo grupo com a intenção de reunir poetas, dançarinos, rappers e, no geral, pessoas da comunidade (e também pessoas fora dela) para trocar informações e expor a arte da periferia.</p>
1:27:11	1:29:49	<p>Dona Adenilde relata que, atualmente, a poesia marginal tem o mesmo peso representativo que a rádio comunitária, pois também é uma ferramenta de informação muito potente que leva, através da arte, a realidade vivenciada nas periferias para a sociedade; dando voz aos que sempre foram segregados e trazendo reflexões aos que escutam.</p>
1:29:49	1:34:27	<p>Fala sobre a sensação de alegria e acolhimento por ser tão bem agrupada e conectada com os demais membros do Vozes da Rua; que são consideravelmente mais jovens. Fala também sobre o incômodo que sente quando as pessoas criam pré-conceitos antes de escutarem os integrantes mais jovens; subjulgando que os mesmos talvez não tenham tanto conhecimento quanto ela, que é mais velha. Consequente, menciona a necessidade e a importância da aceitação das</p>

		diversidades.
1:34:27	1:35:00	Hebe Mattos agradece a participação de Adenilde Petrina; que comenta sobre L. Cláudio, uma liderança negra importante no bairro Dom Bosco; localizado na cidade de Juiz de Fora, próximo à UFJF.
1:35:00	1:35:42	O vídeo caminha para seus últimos minutos com um diálogo mais descontraído sobre a importância e o impacto da poesia; por Adenilde Petrina e Hebe Mattos.
1:35:42	1:39:08	Dona Adenilde encerra falando sobre a esperança que essa nova geração de artistas periféricos traz para a atualidade.
1:39:08	1:40:36	Conversa sobre futuros projetos do LABHOI para serem realizados.